



Visagem: um programa poético-musical assombrando as noites paraenses¹

Sandra Sueli Garcia de Sousa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
PUC/SP²

RESUMO

A proposta deste paper é mostrar o rádio como um típico contador de histórias. Para tanto, analisamos o programa poético-musical Visagem, veiculado pela Rádio Cultura do Pará, emissora pública situada em Belém (PA). O programa tem o objetivo de entreter os ouvintes utilizando elementos sonoros que vão desde a música, passando pela poesia até os sons ambientes. Também há a tentativa de experimentar fórmulas pouco usuais nos programas atuais de entretenimento no meio.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Cultura do ouvir; Narrador; Poesia sonora.

Como dar o pulo do gato e concentrar a atenção num de nossos primeiros sentidos, o ouvir? Nesta questão se debruça quem trabalha com sonoridades. Por estarmos imersos na sociedade da imagem, a idéia acaba por se tornar um desafio. A visão é um sentido que se sobrepõe aos outros, conforme BAITELLO (p. 4,1997) “o valor do som é tão menor que o da imagem no nosso mundo e no nosso tempo, que este fato pode ser lido em inúmeros momentos da nossa vida e do nosso cotidiano”.

Para o autor, viver em um mundo visual significa viver em um mundo perecível, onde tudo é descartado com mais rapidez; ao contrário, o mundo sonoro é mais constante, permanece por mais tempo (Idem, p. 08). Além disso, BAITELLO (Idem, p. 18) vincula os dois sentidos a movimentos inversos:

O “ouvir”, mais vinculado ao universo do sentir, da paixão, do passivo, do receber e do aceitar. O “ver”, mais associado ao universo da ação, do fazer, da atividade, do atuar, do agir e do poder (e desta palavra forma-se a outra, mais forte, “potência”).

Por conta disso, estamos num mundo hipertrofiado pela visão. Nada permanece, tudo precisa ser rapidamente consumido, porque outras coisas surgem para serem vistas e assim faz-se o círculo vicioso. Alimentar a cultura do ouvir pode ser a chave para sair desse círculo, porque:

Na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção

¹Trabalho apresentado no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Rádio e Mídia Sonora, durante o XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2008.

² Jornalista, doutoranda no programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. *E-mail:* Sandra-garcia@uol.com.br



que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e tautologias midiáticas. (MENEZES, p. 10, 2007)

Com ouvidos ligados, voltamos a um tempo mítico, onde havia um contador de histórias, que sabiamente hipnotizava uma platéia atenta ao desenrolar de uma trama, conforme fez Sherazade nas mil e uma noites. O rádio, como algumas outras mídias, é hoje um fiel depositário da incrível figura do narrador. Para Mônica Rebecca Ferrari Nunes (1993), o rádio é capaz de fazer o ouvinte reviver antigos ritos, por ter o poder de sacralizar o seu discurso. Para isso, ajuda o fato do rádio ter o poder de criar imagens na mente de quem o ouve. Sobre este ponto, Eduardo Meditsch (1999, p.126) faz uma ressalva em relação às imagens visuais:

A diferença é que essas imagens interiores, produzidas na mente, não podem ser confundidas com as imagens que se vêem numa tela. São imagens muito mais ricas – podem comportar três dimensões, e também incluir sensações táteis, olfativas, auditivas – e também muito mais econômicas: muitas vezes são dispensadas sem prejuízo da comunicação.

A partir dessa produção de imagens imagéticas, ocorre um alto poder de sugestão, o que acaba por chamar a atenção do ouvinte (SILVA, 1999, p.75). Realizar a junção entre os elementos que compõem a mensagem radiofônica é, portanto, a principal tarefa para quem lida com o meio. A seguir apresentamos o programa Visagem, como exemplo de um programa que consegue articular o uso da fala, do silêncio, dos ruídos, da música e dos sons ambientes de maneira a colocar o ouvinte atento ao que é veiculado.

Visagem – um programa feito para ouvir com atenção

Segunda-feira, 21 horas. É a hora sagrada do Visagem. O programa vai ao ar pelas ondas da Rádio Cultura do Pará, 97,3 MHz³. A duração é de quase uma hora e está no ar há exatos cinco anos. Para melhor entendê-lo é preciso escutá-lo, com ouvidos concentrados no que é dito e tocado. A pretensão de seu criador – Guaracy Brito Jr. e do produtor musical do Visagem, Ricardo Moebius - é que texto e música estejam de tal modo unidos e combinados que para o ouvinte não exista divisão entre ambos. O texto leva à música que leva ao texto que leva à viagem. Visagem. Quem melhor explica é Guaracy Brito Jr⁴.

³ A Rádio Cultura é parte integrante da Fundação de Telecomunicações do Pará, Funtelpa e está no ar há 22 anos.

⁴ A partir deste ponto, seguem trechos da entrevista cedida à autora em maio de 2008.

A gente precisava de uma música com uma introdução grande porque, às vezes, o texto era picotado dentro da música para a entrada de um acorde, de uma bateria. O texto sendo pontuado pela parte da música... era um contraponto, até o texto se apresentar e terminar. E o texto, às vezes, termina, se conclui e você já está dentro da música. E a nossa intenção era passar a sensação do texto continuar com a música. Eu sempre disse uma coisa: é um programa de música, só agora é que caiu uma ficha de que seria um programa de literatura. A proposta era fazer textos curtos, depois de um tempo ficou diferente. O texto acaba apresentando uma riqueza de palavras. Às vezes, o texto é impresso na música, como se fizesse parte da música.

Para melhor entender o Visagem, é preciso saber um pouco de sua história. O que hoje é um programa de rádio, na verdade começou bem antes: Guaracy sempre gostou de fazer experimentações em equipamentos eletrônicos. Usar fitas cassetes, gravá-las com músicas, trilhas, sons ambiente, montar ambiências sonoras. Em 1983, uma dessas ambiências foi a fita Visagem, presenteada a um amigo, que incentivou a criação do programa homônimo. “Um dia eu achei que tinha maturidade para conseguir fazer alguma coisa, inclusive maturidade de texto e aí o programa nasceu praticamente pronto. Não houve nenhuma alteração”, revela o criador do programa.

Sem projeto escrito e com a fita de um programa piloto na mão, Guaracy o apresentou ao diretor da rádio, na época o radialista Ronald Pastor. Ronald disse que nada havia entendido, mas havia gostado. Em primeiro de abril de 2003 começava a ir ao ar o Visagem. Nunca ao vivo, sempre gravado, por ser uma peça cheia de detalhes, mixagens e efeitos. De acordo com Guaracy, os momentos que o programa foi apresentado ao vivo, foram momentos bem particulares: durante uma Feira do Livro ou durante um show do próprio programa.

O programa dura cerca de uma hora e acontece em dois grandes blocos de 25 a 30 minutos. A cada programa um tema é desenvolvido. Já houve programa sobre *Formigas*, *Volta às aulas*, *Tudo ao mesmo tempo agora*, *Um segundo*, *A lua*, *Dia das mães*. Segundo Guaracy, não existe uma lógica sobre os temas. Predomina o *non sense*, o absurdo, o surreal. Não é feito para lembrar o significado da palavra visagem - aparição sobrenatural; assombração, fantasma. Alguns temas podem até se remeter ao significado popular da palavra, mas a idéia de Guaracy é desconstruir esse significado, conforme conta:

O Visagem pela força do nome é a brincadeira com o terror, com o medo. E o Visagem, na verdade, sempre procurou desconstruir o significado da palavra. A logomarca dele é um ET modernoso. As histórias são surreais,



non sense, absurdas, mas não são de terror. É uma coisa que assombra, mas é absolutamente contemporânea. Visagem é uma viagem solitária. É um programa que exige uma atenção. Não dá para conversar na hora de ouvir.

“Não dá para conversar na hora de ouvir” porque é um programa em que o texto traz uma história na qual o ouvinte precisa estar atento e não perder o desenrolar do enredo. Não é o tipo de programa que se ouve disperso, realizando outras atividades. Além disso, o texto está intimamente ligado à música, num trabalho minucioso para tentar casar letra e som. O resultado é uma peça radiofônica que nos remete aos contadores de histórias, a figura do narrador, sempre amparado por um arsenal de sonoridades (músicas, trilhas, onomatopéias, silêncio, sussuros...). Nesse sentido, Guaracy é o próprio narrador, contador de histórias para ouvintes ligados que seguem viagem ao ritmo empreendido pela dupla.

Na outra ponta da dupla é que está o produtor musical Ricardo Moebius. Eis a história dele com o programa: participa desde o início e foi convidado a ser o produtor musical para trazer um aspecto contemporâneo na execução do Visagem, que, de acordo com Guaracy tem uma proposta urbana e segue um ritmo atemporal, ou seja, não são execuções datadas. A qualquer momento do ano pode ser transmitido sem, com isso, parecer defasado. Daí a escolha de Ricardo para fazer a produção musical: ex-vendedor de discos, Dj e um pesquisador de musicalidades, Guaracy viu nele a pessoa ideal para trazer os sons que coubessem no programa. Ricardo Moebius conta:

Eu me encantei com o texto porque ele não misturava nada com nada e ao mesmo tempo tem tanta coisa legal, que me encantou com a idéia de calçar o texto dele com alguma música diferente, audível e isso a gente foi com o tempo alinhavando. Tudo era muito bem dividido. Ele dava o roteiro e em cima do roteiro a gente ia trabalhando. No início a gente sentava: ‘qual é a postura desse texto, ah esse texto é enjoado, é para um cara irritado...’

As músicas que integram o programa são variadas, de bandas *undergrounds* a *world music*. Surgem no programa sem anúncio e o tempo todo marcam o ritmo do texto: a fala lenta e ritmada de Guaracy. As músicas, em geral, têm longa duração. Segundo Guaracy é mais uma forma de quebrar alguns paradigmas de apresentação de programas de rádio: “na rádio não pode pôr música muito longa que o cara desliga, é o que dizem os entendidos, só que a gente colocou logo uma de 13 minutos e outra de oito minutos. A música não acabava, mas as pessoas continuavam ligadas”, revela.



Para Guaracy, o texto do programa não é para ser lido e sim ouvido. É um texto sonoro, construído para ser falado, pensado em união com a música. Vamos nos arriscar agora e colocar em palavras impressas algumas partes do texto do Visagem.

TEC.: RODA TRILHA – SOM DE CHUVA - VAI A BG

LOC.: Visagem

LOC.: O Visagem traz ao limo das horas atuais, uma partitura de seres fantásticos, de uma música profunda como trovões feitos de memória. De nebulosas passagens secretas deste para outro mundo. Lugar de úmidas lendas semoventes como Mappingüari, a Matinta Perera e até o canto do Uirapuru, e faz mais o Visagem de hoje. Se liquefaz em gotas de palha para trançar entre os seus ouvidos, meu caro ouvinte, minha cara ouvinte, o som da nossa feira maior...

TEC.: Entra sonora – vendedor de periquitos – mixa com música

LOC.:...Padroeira dos peixes da Amazônia. A Feira do Ver-o-Peso. Tudo isso no Visagem mítico de hoje. Tão cheio de pássaros e vontade de voar.

TEC.: Entra som de pássaros, assovios – mixa com música

TEC.: Entra sonora – amiga da Matinta – mixa com música.

LOC.: Daqui a pouquinho você vai conhecer a incrível história da amiga da Matinta Perera

TEC.: Roda cabeça da matéria da repórter

TEC.: Entra música e vai a BG

Após o anúncio do conteúdo do programa, o Visagem mixa o riso da entrevistada da reportagem do dia com a trilha. O mesmo ocorre com o poema que vem a seguir. Uma música segue com o texto, mixando outros sons. O texto acaba e a música-mixagem continua, conduzindo o ouvinte já a uma outra parte do programa.

Na primeira parte, acima transcrita, procura-se fisgar o ouvinte com o tema do programa: a Matinta Perera. Neste programa recursos do jornalismo são utilizados no início e ao abordar uma história contada por uma personagem, como se diz no discurso jornalístico, no caso ‘a incrível história da amiga da Matinta Perera’. Isso emprega credibilidade à emissão, por mais que o conteúdo seja fantástico.

Segue a seqüência do programa:



LOC.: O caboclo sozinho no barco seguia a correnteza como quem segue o chamado da morte. Ia a despeito dos bancos de areia e troncos vadios. Ia margeando lembranças umedecidas de amarguras e pequenas alegrias. Ia com um espinho cravado na proa da vida. Um barco cheio de sonhos mal calafetados. O caboclo ia fazendo água em fios de lágrimas que escorriam para dentro de seu próprio corpo: casco emborcado em barco. Via os sonhos afundando em rio. O amor encantado virando Iara. Ia.

TEC – Sobe BG – mixa com sons de pássaros

LOC – O Abandono – poema de Manoel de Barro ((Narrador lê o poema))

LOC – Bora se abraçar, bora se abraçar, bora se abraçar....todo mundo junto no meio da mata; todo mundo em volta dessa frondosa árvore que é a audiência de vocês, principalmente os ouvintes Viviane Loureiro, Marcel.....((fala o nome de alguns ouvintes)).

LOC – A todos vocês eu clamo: chamem os xamãs para que dancem a dança da chuva. E o Visagem não corra o risco de entrar em chamas...

TEC.: Roda efeito sonoro – mixa com percussão – sons da floresta – música The Doors – música não identificada.

LOC.: A Matinta Perera é feita de fumaça. Mesmo assim ela é amiga das chuvas e de certas desgraças. A Matinta Perera é feita do que dizem dela. É feita do que soubermos. Às vezes do que vemos, nunca do que inventamos. A Matinta Perera mora dentro de nós. Dorme aninhada no que mais tememos: a solidão.

(....)

No trecho acima, o texto é falado tendo como BG a música Araruna, dos índios Parakanã do Pará, sob arranjo e adaptação de Marlui Miranda. Um detalhe interessante, é que as músicas do Visagem não são anunciadas ou desanunciadas. Elas simplesmente seguem o ritmo do programa. Conforme já foi informado, isso é feito de forma proposital, pois para os produtores, o ouvinte do programa quer seguir o fluxo do que é apresentado e não se prender a estruturas já conhecidas dos programas de rádio. Segundo Guaracy, por conta disso, a intenção é trabalhar a presença do narrador no programa de forma discreta.

Sigamos com mais um trecho, já no segundo bloco:

LOC.: Rio Amazonas – Visagem

TEC.: som de pássaros, tambores, música entra e vai a BG.



LOC.: Rio Amazonas
LOC.: Rio Amazonas
LOC.: Todos os rios da minha vida
LOC.: Todas as feiras, tantos dias de minha vida
TEC.: Som ambiente – feira do Ver-o-Peso – vai a BG
LOC.: Ver-o-Peso, ver o rio.
TEC.: Sobe e desce BG
LOC.: Ouvir o peso, ouvir o rio
LOC.: Rio Guamá, guamazonas, rio Amazonas
LOC.: Ouvir todos os rios. Todos os rios de minha vida
LOC.: O rio de muitas vidas. O rio. O rio. Que me alimenta e confio.
TEC.: Sobe e desce BG
LOC.: Rio Amazonas.
LOC.: Rio Amazonas.
LOC.: Rio Amazonas
LOC.: E não esqueça: daqui a pouquinho tem a incrível história da mulher que foi amiga da Matinta Perera
TEC.: **Entra Sonora – Eu vi a moça....não podia gritar.**
LOC.: Daqui a pouquinho

No trecho descrito, a trilha vai num crescente. Pássaros cantam, a música que toca é Rio Amazonas, de Philip Glass, executada pelo grupo de percussão Uakti, enquanto o narrador frisa ‘Rio Amazonas’. Alguns momentos, parece se questionar; outros parece querer fixar o lugar ou querer se justificar ou, ainda, fazer um exercício de autoconhecimento. De repente, entra o som ambiente do Ver-o-peso. Vendedores de peixe, ‘ouvir o peso, ouvir o rio’, diz o narrador. Será que ao ouvirmos com atenção o ambiente narrado, passaríamos a entender melhor ‘o rio de muitas vidas’, o rio nosso de cada dia? A indagação fica no ar, como uma provocação do Visagem, em livre inspiração do poema Na ribeira deste rio, de Fernando Pessoa. O trecho assume características de poesia sonora. SALOMÃO E DOLABELA (2006, p. 09) citam Philadelpho Menezes, para quem a poesia sonora não pode ser simples texto.

O poema sonoro quase nunca é um texto lido oralmente, por mais que um texto se pretenda experimental enquanto discurso verbal. A poesia sonora parte da idéia de que a poesia nasce antes do texto e do discurso e não depende dele para existir. Ela se dá a partir de certas investidas sonoras



(sendo a palavra apenas um de seus elementos possíveis) que, organizadas numa certa ordem, exprimem conceitos, sensações e impressões.

Nesse trecho, sem dúvida, compreendemos porque é preciso a atenção focada para ouvir o programa. O ouvir aqui nos leva a uma espécie de transe. Aos moldes de uma sessão xamânica, o ouvinte é capturado e por meio de uma rica construção sonora, é levado a uma viagem pelo mundo amazônico. Sons de florestas, uivos, pássaros e trilhas de suspense são mixados de acordo com o desenrolar do texto. As imagens sugeridas são fortes e arrebatadoras. O desafio é transpor a Amazônia feita de sons para a mente do ouvinte, que passa a criar em sua cabeça uma Amazônia particular. O corte é feito de forma abrupta, para tirar o ouvinte do transe hipnótico porque é preciso seguir com mais uma seqüência:

LOC.: Era noite na floresta. O canto dos pássaros bêbados fazia coro com grilos chapados e com o coachar dos sapos que já estavam com a cara enfiada na vala. Serpentinhas de vagalumes faziam trezininho entre cipós. Era um carnaval de muita luz e pouca vergonha.

LOC.: Uma borboleta azul inteiramente nua e bêbada tentou pousar num galho, mas bateu numa folha, quebrou a asa e começou a chorar. Pouco depois a carruagem da Matinta Perera chegou. Com os cabelos desgrenhados a velha desceu da gigantesca jaca e farejou o ar em busca de fumo e outras drogas silvestres para consumir. De seu vestido rasgado até as coxas saíam cobras e insetos perigosos para se enfiarem na festa que os outros bichos faziam na floresta. Rastejaram por entre as folhas no chão. Subiram em árvores. Mas não envenenaram a vida de ninguém porque eles gostaram da festa e a Matinta Perera também.

LOC.: ‘Quero bebida e fumo’, ela pediu. E uma lacraia foi buscar. Um pouco mais tarde chegou a Boiuna: do tamanho do mundo; querendo arrastar a floresta para o seu estômago; querendo estrangular a noite com seu corpo; abrindo uma bocarra do tamanho de um ônibus, revelando assim a caverna que eram suas entranhas salpicadas de carne de animais e dos restos da professora Carmosina, devorada mês passado. A Matinta assobiou para Boiuna, como quem diz: ‘seja bem vinda minha amiga, pode sentar em qualquer lugar’. A cobra se dobrou um pouco e cuspiu um igarapé no meio da festa. Foi uma festa. A Matinta assobiou de novo de alegria. Havia peixes, havia girinos, havia vida. ‘Viva a Boiuna!’, gritaram todos. A grande pitom se contentou em mergulhar no igarapé e ficar ali a noite toda.



LOC.: Depois chegou o lobisomem com as roupas rasgadas de fúria. Trouxe amigos: sete cães vadios que montaram um karaokê e ficaram uivando a noite inteira. Enquanto isso, o lobisomem puxava conversa com a onça. Os dois pareciam mastigar cada palavra dita, deixando só a carcaça da conversa no chão. Uma cascavel passou com o chocalho no rabo, mas ninguém fez piada disso. Ela hipnotizou e comeu dois ratos do mato, enquanto a floresta se enchia ainda mais de sons. A cascavel foi embora com a chegada do gigantesco Mapingüari.

LOC.: Ele já vinha de outra festa dando passos que pareciam o coração da terra batendo. Com seu único olho observou a festa. Avaliou cada ser vivo com idéias de devoramentos. Babou uma baba comprida que chegou ao chão. Deu um piscar de olho para Matinta Perera, seu ex-amor e foi embora. Seguiu em frente. Não havia antas ali, ele queria antas para comer e foi atrás delas.

LOC.: Depois que o monstro foi embora a Matinta Perera parece que ficou triste. Sem despedir-se foi embora também. Deixando no ar, a sinfonia dos animais noturnos, a alegria dos grilos tombados e dos sapos esgotados de luar. Foi embora a Matinta, dando uma tragada no fumo que a lacraia lhe trouxe. Foi embora. Envolta na fumaça densa de uma saudade imensa. Do que mais ela sentia falta? Era dos beijos do Mapingüari.

(...)

Nessa parte do programa, o narrador chama o ouvinte para acompanhar um festa na floresta. Saído do transe proposto anteriormente, é como se o contador de histórias reunisse o público em uma roda e começasse a contar mais uma trama. Nesse caso, a trama é contada com a ajuda de uma cuidadosa trilha sonora, que ajuda a marcar cada situação apresentada. Na história, traços de humor, suspense, terror e drama estão presentes como pede uma boa história. Animais são humanizados e a surpresa fica por conta de uma Matinta apaixonada. A temida feiticeira da floresta apresenta ares tristes de alguém que sofre por amor. O ser amado não poderia ser outro, a não ser o Mapingüari, um lendário animal gigante, coberto de pêlos, que vive na floresta amazônica.

Outra seqüência:

LOC.: Os sons ambientes, sons urbanos ou não, são música. Aqui em Belém nós temos uma representante desta nova corrente musical, Marta Geórgia. Ela é um exemplo de um movimento que está acontecendo no Canadá, nos Estados Unidos e em alguns países



da Europa. Com vocês a composição ‘Ouvir o Peso’, com sons gravados evidentemente na feira do Ver-o-Peso, um pouco misturada com outras músicas só para dar um clima.

TEC .: Entra burburinho do Ver-o-Peso mixado à música de Yva Sumac.

(...)

O programa aqui faz uma colagem com o som ambiente da feira do Ver-o-Peso, e a música de Yva Sumac. A intenção é mostrar uma música que tem em sua base os sons da feira. O movimento a que se refere o narrador do programa, provavelmente, faz alusão às paisagens sonoras e ecologia sonora, que tem entre seus pesquisadores o compositor canadense Murray Schaffer. O canadense é autor do livro ‘O ouvinte pensante’, publicado no final dos anos 60 e que traz como tese principal a idéia de que tudo que é sonoro pode também ser musical e para isso, entre outras coisas, é preciso realizar uma limpeza nos ouvidos, ou seja, ter uma audição atenta dos sons ao redor, para melhor compreensão e utilização dos sons que nos cercam.

Voltando ao Visagem, o programa encerra com a reportagem anunciada já na abertura do programa, no final do primeiro bloco e que encerra a edição.

LOC.: E agora uma reportagem incrível sobre um fato que mistura nosso mundo real ao lendário mundo dos seres míticos da Amazônia.

TEC.: Entra Vinheta do Caixão de Notícias.

LOC.: E a Matinta Perera aprontou mais uma das suas. Já faz tempo. Conheça a história com a repórter Valéria Nascimento.

TEC.: Roda matéria

REPÓRTER: É o caboclo se aquieta quando ouve o assobio da Matinta. Mas, e se ela assobiar mais perto do que você imagina? Circular pelos mesmos ambientes? For uma amiga íntima? Assim aconteceu com dona Manoela Nobre, que nasceu numa comunidade ribeirinha, às margens do rio Itapicuru, no município de Acará. E que em sua juventude entre tantos amigos se dava com a Matinta. Hoje aos 73 anos ela nos conta sua experiência.

D.: A gente era muito amiga mesmo.....a gente se separou.

REPÓRTER: O problema entre as duas foi motivado por ciúmes.

D.: Olha foi assim.....como era o pagamento.

REPÓRTER: O caso foi que d. Manoela, numa dessas festas de interior, dançou a noite toda com um único rapaz, justamente aquele em que a Matinta estava interessada.



D.: Bom, ela falava que o rapaz.....não sabia nem onde ele morava.

REPÓRTER: E a Matinta, como ela era?

D.: Fisicamente ela era uma moçachamava-se Diquinha.

REPÓRTER: Agora nos conte o que ela fez com a senhora.

D.: A gente tava num lugar.....aí eu comecei a chorar, chorar muito

REPÓRTER: Como ela apareceu para a senhora nesta hora?

D.: Eu via ela normal.....ela realmente não era normal

REPÓRTER: E depois como ficou a amizade?

D.: A gente depois disso.....de falar pra ela

REPÓRTER: Mas d. Manoela venceu o medo da Matinta

D.: Venci o medo.....com certeza absoluta.

ASSINATURA: Valéria Nascimento para o Caixão de Notícias.

TEC.: Vinheta encerramento Caixão de Notícias

TEC.: Vinheta encerramento Visagem – créditos.

A reportagem conta a história da Matinta Perera na versão de alguém que conheceu a Matinta. Trata-se de um quadro do programa, que não é fixo: o Caixão de Notícias. Aqui, usa-se elementos jornalísticos para dar credibilidade à história que é contada. Não se trata mais, portanto, de trazer a história pela voz do narrador e sim pela mediação de uma repórter que foi a campo entrevistar um personagem. O personagem, nesse caso, assume para si a função de ser o contador da história.

O assunto é trabalhado de maneira a envolver o ouvinte com os pormenores do fato, encerrando num clímax. Nesse aspecto, foge-se de um dos princípios básicos do jornalismo, o de trabalhar no *lead* todas as informações que, no caso, o ouvinte quer saber; ao contrário, os fatos são apresentados aos poucos, de forma a deixar o ouvinte curioso em acompanhar a história e saber o final.

A vinheta do quadro Caixão de Notícias tem papel fundamental em alimentar o suspense que é trabalhado com humor. Diz a vinheta de abertura, por meio de uma voz cavernosa: “Parem o carrinho. Abram a tampa. Está no ar ‘Caixão de Notícias’”. E a vinheta de encerramento: “Fica por aqui ‘Caixão de Notícias’. Quem beijou, beijou. Quem não beijou, não beija mais porque a gente já vai fechar o caixão”. Por mais suspense e terror que traga a história do Caixão de Notícias, tudo acaba sendo amenizado com o uso da vinheta, que produz um efeito de riso em quem escuta.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa nasceu querendo ser um programa musical. Mas aos poucos foi atingindo outro *status* e os textos foram crescendo e ganhando importância em cada edição. É um programa de difícil classificação. É entretenimento, sem dúvida, mas não é um simples entretenimento, porque para entender os pormenores das histórias que são contadas, é preciso ter atenção. Podemos classificar o Visagem como um programa poético-musical, dentro do gênero de entretenimento.

O importante, no entanto, não é como o Visagem vai ser classificado. Acreditamos que o mais importante é ter uma opção na faixa do dial de um programa feito para divertir e levar o ouvinte a experimentar sensações a partir do cardápio que lhe é ofertado para ouvir. Um cardápio construído com cuidado. A unidade de cada edição se faz a partir de um mosaico de recursos, que podem parecer caóticos num primeiro contato, mas que, conforme se avança na história, entende-se onde o narrador quer chegar.

A audição concentrada do programa parece ser a chave para melhor compreensão dele. Há algumas subversões na criação e produção do Visagem: romper com o tamanho veiculado das músicas, que no programa podem passar de dez minutos ou mesmo romper com a forma de apresentação. Nada se explica. Não se sabe quem fala; não se sabe que música está tocando; não se sabe a seqüência que virá. Sabe-se sim que é preciso embarcar na viagem e já embarcados será possível aproveitar melhor o que for apresentado.

O Visagem se mostra como um oásis no meio radiofônico ao tentar experimentar fórmulas que já existem ou existiram, ou tentar experimentar coisas completamente novas. Está há cinco anos no ar. Prova de que está conseguindo se firmar como uma alternativa à programação massificada das emissoras. O fato de ser veiculado numa emissora pública ajuda a entender porque está dando certo. Mas é importante observar que o público cativo do Visagem não é o público da Rádio Cultura, de acordo com a observação de Guaracy Jr. Mas isso não compromete em nada a produção do Visagem, ao contrário, prova que há público preparado para limpar os ouvidos e deixá-los prontos para aproveitar um mundo sonoro que não se encontra todo dia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO Jr., Norval. “Cultura do Ouvir”. In: A Era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker, 2005

MEDITSCH, Eduardo. A Nova Era do Rádio: o discurso do radiojornalismo como produto intelectual eletrônico, Minerva, 1999.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Cultura do ouvir: vínculos sonoros na contemporaneidade. Artigo apresentado ao Núcleo de Produção no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

SALOMÃO, Mozahir e DOLABELA, Marcelo. Rádio e Experiência de Arte. Trabalho apresentado ao NP 06 – Mídia Sonora – XXVIII Congresso da Intercom

SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo:Unesp, 1991

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. Rádio: oralidade mediatizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo:Annablume, 1999.

ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. Rádio Nova. Constelações na radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ - Publique, 1999.